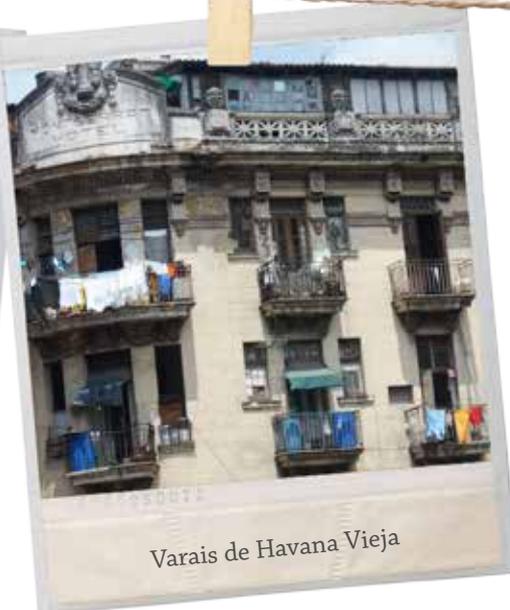




Varais de San Geminiano Toscana



Varais de Havana Vieja



Varais de Barcelona Gracia

# A precisão disciplinada

SILVANA AUGUSTO<sup>1</sup>

Minha mãe não queria atrapalhar os planos dos meus estudos, mas achava que era bom e que não atrapalhava em nada ensinar à filha alguns serviços de casa, mesmo que ainda fosse criança. Estender a roupa no varal era um deles. Só que tinha uma disciplina. Minha mãe não gostava de varal bagunçado e, se fosse preciso, ela recolocava as roupas que eu já havia posto – então eu que aprendesse direito. Tinha que ser por tamanho, de trás para a frente, do maior para o menor, de modo que, infalivelmente, terminássemos nas meias. Todas juntas. Varal tinha que ser bonito.

Mas o dela não era, ela dizia, porque bonito mesmo era o da minha avó. Depois do quaradouro, a avó estendia uma corda só para as roupas de homem, separadas das de mulher, em ordem decrescente. Um exclusivo para os lençóis, na frente as

fronhas. Camadas em *dégradé*, terminando nas bandeirolas de pano de prato. Erguia alto na taquara o labirinto-cabana perfeito para a criança zanzar. Só virtude numa coisa tão efêmera que até o final da tarde de um dia de sol já se teria desfeito, do menor para o maior.

Os varais da minha avó e depois o da minha mãe jamais saíram de mim. Vem daí meu gosto por olhar para cima, entre o chão e o céu, à procura de um varal bem bonito. Se for muito desgrenhado eu não fotografo. Se cheira a cachorro molhado, mesmo sabendo que cheiro não sai na foto, também não registro. E se tem ceroulas, calcinhas e sutiãs, eu respeito a privacidade das partes. Cada varal tem uma estética, uma história, até uma ética. Eu brinco de imaginar o povo da casa pelos vestígios pendurados.

<sup>1</sup>Formadora do Instituto Avisa Lá, docente no Instituto Superior de Educação Vera Cruz – SP e assessora pedagógica da equipe técnica da SME de São José do Rio Preto – PR..



Varais de Lençóis na Chapada



Varal em azul - Lapa em São Paulo



Varais de Lisboa

# do varal da minha avó

Num muro em Lençóis, na Chapada Diamantina, um menino e uma menina repousam descuidados, mas em perfeito contraste de verde e vermelho, as roupas do sábado, lembrando que no próximo fim de semana tem mais.

Em Lisboa, o branco, creme, rosa e anil das roupas de dormir desfraldam pálidos sob as brisas que vêm do Tejo, renovando o frescor dos sonhos nas fronhas de alguma donzela.

Na Toscana poderia estar um aprendiz de minha avó, em uma escala muito modesta, mas obediente em sua simetria: em cada ponta, uma peça pequena; ao lado da peça pequena, a peça comprida; no meio, as camisetas azuis. Paleta sóbria sobre a parede medieval de uma casa de gente que nem liga para os tantos espanhóis, japoneses, franceses, holandeses que já passaram por baixo daquelas peças, e nem imagina ter despertado por meio de suas camisetas a saudade brasileira de avó.

Os varais cubanos estão em toda parte com suas roupas igualmente coloridas, igualmente sem marcas, sem grifes, sem personagens de desenho animado nem bandas de rock. O mesmo cheiro, do mesmo sabão em pó. Aqui e ali um varal desesperado se projeta para fora de uma ruína, furando a parede com a dignidade de uma denúncia à procura dos raios de sol, direito básico de todos. Em meio aos raros jeans se penduram também, na grade de uma varanda, os sonhos da gente saudável, educada, vestida e a alegria do menino que cresce num futuro incerto em Havana Vieja.

Eu vivo na cidade de São Paulo, cercada de prédios, e aqui ninguém estende a roupa para fora. Não aqui, no bairro de classe média onde calhou de eu morar. É por isso que eu saio, que eu viajo, que eu procuro outras janelas para fora desse mundo. Para mim, os varais são precisos. ●